



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CAMPUS III - GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ALDERI DE OLIVEIRA DELFINO

ALEXANDRE HERCULANO E “O BISPO NEGRO”.

GUARABIRA – PB
2018

ALDERI DE OLIVEIRA DELFINO

ALEXANDRE HERCULANO E “O BISPO NEGRO”.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos necessários para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Neni de Freitas.

GUARABIRA – PB
2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

D349a Delfino, Alderi de Oliveira.
Alexandre Herculano e "O Bispo Negro" [manuscrito] : /
Alderi de Oliveira Delfino. - 2018.
18 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2018.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Neni de Freitas,
Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Romantismo. 2. Conto. 3. Preconceito. 4. Poder.
21. ed. CDD 801.95

ALDERI DE OLIVEIRA DELFINO

ALEXANDRE HERCULANO E "O BISPO NEGRO"

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Aprovado em 15 de junho de 2018.



Prof.ª Dr.ª Maria Neni de Freitas – UEPB
Orientadora



Prof.ª Dr.ª Rosângela Neres Araújo da Silva – UEPB
Examinadora



Prof.º Dr.º Eduardo Henrique Cirilo Valones – UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus esta conquista, pois sem Ele não seria possível; a Ele toda Honra e Glória.

À minha amada esposa Naiara que me deu todo o seu apoio, compreensão, incentivo e amor. Sem a mesma não teria conseguido.

Aos meus pais, mentores da minha formação.

À minha orientadora, Professora Dr.^a Maria Neni de Freitas, pela disponibilidade, pelas orientações precisas e essenciais, e por todo apoio.

Aos professores, por todo conhecimento compartilhado.

Aos colegas de curso, com os quais muito aprendi e cresci, durante todo o tempo de vivência.

Enfim, a todos que de forma direta ou indireta fazem parte desta minha conquista.

Alderí de Oliveira Delfino

RESUMO

O presente artigo se propõe a analisar algumas características do Romantismo Português, no conto de Alexandre Herculano, O Bispo Negro. Este escritor pertence à primeira geração do Romantismo em Portugal. Nas leituras realizadas sobre a obra de Alexandre Herculano encontramos no conto “O Bispo Negro” a representação do poder do clero, o preconceito racial e a excomunhão na Igreja Católica da época. O Romantismo em Portugal teve seu início na primeira metade do século XIX com grandes poetas e narradores. Utilizamos como suporte teórico as contribuições de Moisés (2008), Saraiva e Lopes (2005), Gotlib (2006), Abdala Júnior e Campedelli (1985), Silva (2009) entre outros, onde buscamos os conhecimentos necessários para a elaboração deste trabalho.

Palavras-chave: Romantismo. Conto. Preconceito. Poder.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo estudar o texto de Alexandre Herculano, O Bispo Negro, a fim de verificar características do Romantismo Português. Explanaremos a seguir a corrupção no Clero; a análise do impacto causado em um seguidor do catolicismo, ou mesmo em uma comunidade religiosa católica, por uma excomunhão; e a temática relacionada ao preconceito racial existente na Igreja.

Os estudos realizados sob tal perspectiva visam refletir e/ou debater acerca da contribuição do escritor português Alexandre Herculano aos seus leitores, no que se refere à época por ele vivida e aos seus textos quer sobre Literatura, quer sobre a história lusitana.

A análise do conto que elegemos como nosso objeto de estudo e que faz parte dos textos narrados por Herculano; foi motivada pela busca de delimitar o objeto da pesquisa, visto ser inviável abordar a totalidade dos escritos deste autor. É partindo deste princípio que nos propomos a delinear as características mais marcantes desta composição.

No que diz respeito à autoridade evocada para si pela Igreja, é possível observar que se dava através de imposições e sanções para aqueles que a contrariavam. Práticas estas sempre “em nome de Deus” e, portanto, segundo a mesma, incontestáveis. Só que Deus não é responsável pelos erros dos homens nem pode ser acusado pelos mesmos, antes, no entanto, deseja que os homens sigam o caminho do bem, do amor e da verdade.

A excomunhão que está entre estas sanções, diz respeito ao ato de retirar alguém da comunhão da Igreja, tornar profano, ou vulgarmente falando expulsar o excomungado do seio da comunidade católica.

E, por último, abordaremos também a temática da discriminação racial existente na Igreja, ainda que naquele momento não houvesse tal tipificação, mas não deixa de ser visível e inegável tal prática naquela que deveria refletir o amor puro e sem discriminação que Cristo ensinou.

Esta pesquisa situa o leitor na corrente literária “O Romantismo”, relatando sua inserção na literatura portuguesa e seus principais representantes, entre os quais Alexandre Herculano. Que juntamente com Antônio Feliciano de Castilho e Almeida Garrett representam a fase inicial do Romantismo Português.

Trazendo em seu contexto a ruptura com os valores decadentes classicistas, o Romantismo foi introduzido em Portugal por Garrett, em 1825, com a publicação do poema Camões. Logo, podemos afirmar que os três principais representantes do Romantismo Português em sua fase inicial são: Almeida Garrett, Alexandre Herculano e Antônio Feliciano

de Castilho. O Ultra-Romantismo é representado por Soares de Passos e Camilo Castelo Branco. Já na transição para o Realismo, o Romantismo é representado por João de Deus e Júlio Dinis.

1 O ROMANTISMO EM PORTUGAL

Expressão que mais tarde dará nome à época literária que pusera fim ao Classicismo, o Romantismo em sua etimologia remonta ao (*romantic*) sentença inglesa seiscentista que faz analogia às histórias de amor do período medieval, evocando assim para si tudo o que envolve tais façanhas: o cavaleiro em seu imponente animal, armaduras, o lendário guerreiro que salva a indefesa virgem e as aventuras vivenciadas pelo herói.

O Romantismo em toda sua extensão e em sua essência nutre um interesse exacerbado pelo passado, sobretudo nacional.

Em se tratando da produção literária de Alexandre Herculano, o escritor publica *A voz do Profeta*, enquanto Castilho, *Os Ciúmes do Bardo* e *A Noite do Castelo*, estabelecendo assim em Portugal nova tendência literária. Garrett por sua vez, neste mesmo ano inicia a reforma no teatro português, enfocando o drama romântico nacional. E paralelamente a estes acontecimentos, o surgimento da revista *Panorama* corrobora a propagação do Romantismo. O romance e o drama têm em Herculano e Garrett seus principais expoentes, inspirados em Vitor Hugo e W. Scott.

A rapidez com que se propaga a nova tendência e a velocidade com que o Classicismo é relegado ao desuso refletem a mudança do público leitor. Já não mais a nobreza decadente, mas a burguesia emergente conectando assim o público em geral aos escritores do novo estilo literário.

1.1 A trajetória literária de Alexandre Herculano

“Alexandre Herculano de Carvalho Araújo nasceu em Lisboa, em 28/3/1810. De origem humilde, não chegou a fazer curso universitário.”, segundo Silva (2009, p. 267). Sendo instruído no colégio dos Oratorianos com a finalidade de ingressar na universidade, mas a situação financeira da sua família obriga-o a mudar de opção e cursar Inglês e Alemão na Aula do Comércio, além de Diplomática, visando ingressar em um emprego. Ainda na adolescência, Herculano tem seus primeiros contatos com escritores como Chateaubriand, mas é por volta de 1831 durante seu exílio na Inglaterra e mais tarde na França onde terá

acesso a Garrett e outras personalidades como Thierry, Vitor Hugo e contemporâneos que o levaram a ingressar na nova tendência literária: O Romantismo.

“Regressou a Portugal como soldado da expedição de D. Pedro, e tomou parte em combates e acções militares”, segundo Saraiva e Lopes (2005, p. 706), na luta contra D. Miguel. Em 1833, passa a trabalhar na Biblioteca Municipal do Porto, mas posteriormente se demite e dedica-se à sua carreira de escritor. Para Herculano, a história é repleta de significados e a tradição é fonte de suprimentos, esta contestando àquela, questionando o valor que lhe fora sacramentado.

Alexandre Herculano, escritor do Romantismo, também escreve sobre a história de Portugal. Para esta pesquisa de história, percorre todo o território lusitano em busca de documentos que esclareçam a história medieval de sua pátria.

No desempenho de sua carreira como escritor, publica *O monge de Cister*, *Lendas e Narrativas*, *O Bobo* entre outros. Não demora a esbarrar em um obstáculo quase intransponível aos seus ideais liberais: o poder do Clero, que logo desagradá de suas composições. Herculano chega, por exemplo, a ser o motivo de sermões nos púlpitos das catedrais da época, tendo inclusive suas obras questionadas como sendo heréticas.

Os entraves com o clero, o desgosto com a situação da nação, as questões políticas entre outros motivos levam então Herculano a adquirir uma propriedade em Val-de-lobos e para lá se retira, somente voltando a ter notoriedade quando ao lado dos jovens se propõe a lutar contra o fechamento das Conferências do Cassino Lisbonense em 1871. A este respeito, Saraiva e Lopes diz que:

“Em 1859, com o produto dos seus trabalhos literários, adquire uma quinta em Vale de Lobos, onde passa algumas temporadas, sem largar a posição de bibliotecário real. Em 1866 casa com uma senhora de quem se enamora na juventude e com quem interrompera o noivado alegando que o matrimônio era incompatível com a vida literária. A história de Eurico, que trocava Hermengarda pelo celibato monacal, parece ser a idealização desse amor juvenil. Instala-se na quinta, e sem abandonar os trabalhos em curso, com a publicação dos *Portugaliae Monumenta Historica*, dedica-se intensamente à agricultura, actividade que fora sempre da sua predilecção. Declara-se retirado da literatura; sem embargo disso, edita os *Opúsculos* (1.º volume 1872); mantém uma activa correspondência literária; intervém em polémicas, como a travada à volta das Conferências Democráticas (1871) e a respeitante à emigração (1874)” (SARAIVA e LOPES, 2005, p. 707)

As Conferências Democráticas do Cassino Lisbonense foram por assim dizer, o apogeu da geração de 70 e têm um ponto em comum com Herculano: o desgosto do Clero. O nome do movimento se dera pelo fato de as reuniões dos jovens intelectuais vanguardistas ter acontecido em uma sala do cassino localizado no Largo da Abegoaria, em Lisboa. Liderados por Antero de Quental, nomes como Eça de Queiroz, Teófilo Braga, Adolfo Coelho entre outros escritores da época se propunham a refletir as mudanças político-sociais, econômicas e religiosas ocorridas na sociedade portuguesa, onde sob influência de ideais revolucionários e inovadores como os de Proudhon, transmitiam preleções sobre temas como República, Socialismo e Democracia. Palestras estas tidas como temerárias pelas forças políticas da época.

A proibição das conferências se dá sob a argumentação de que as ideias subversivas das falas proferidas atacavam a Religião e as instituições estatais, argumento este que não deixava de ter certa veracidade. Afinal, a Igreja era muito forte e o governo ainda que liberal, continuava sendo monárquico, não estando, obviamente, estes entes abertos a críticas ou indagações.

De um total previsto de dez conferências, a proibição se deu antes de ocorrer a sexta. Ao que os conferencistas reagiram com um protesto público, e tiveram a solidariedade e união de forças de vários intelectuais, a exemplo de Herculano, em defesa da liberdade de expressão.

Se as reuniões não voltaram a acontecer, entretanto não há como omitir dos anais da história a participação de Herculano em tal movimento reacionário.

2 CONTO

É uma narrativa curta de um texto em prosa, cuja origem remonta às narrativas heróicas das Epopéias. Do gênero épico, detentor de traços específicos assim como as demais narrativas, segundo Moisés (2006, p. 31): “a palavra *conto* corresponde ao francês *conte* e ao espanhol *cuento*. Em inglês, concorrem *short story*, para as narrativas de caráter literário, e *tale* para os contos populares folclóricos”.

O conto apesar de sucinto é completo em si mesmo. “A narração reduz-se ao essencial, com vistas a esclarecer o núcleo da história e conferir harmonia ao conjunto.” (MOISÉS, 2006, p. 93). Essa redução, no entanto, não significa estar faltando algo, o que é

apresentado no conto traz em si sentido completo, “o contista condensa a matéria para apresentar seus melhores momentos.” (GOTLIB, 2006, p. 64)

Em questão de significado, o vocábulo possui algumas acepções semânticas: pode se referir ao ato de enumerar, de computar, de quantificar algo; pode ser o nome dado à extremidade inferior de um bastão ou lança; ou ainda, é o mesmo que narrativa curta, história verossímil, engodo. Especificamente em Portugal, ainda é usado o presente termo para dar nome a uma espécie de rede de pescar.

Por ser essencialmente dramático, o conto requer tanto quanto possível o diálogo. A linguagem é objetiva, concreta e de fácil compreensão; “A estrutura do conto corre em linhas paralelas com as unidades e o número de personagens. Essencialmente ‘objetivo’, ‘plástico’, ‘horizontal’, o conto costuma ser narrado na terceira pessoa.” (cf. MOISÉS, 2006, p.52).

Note-se, portanto, que o conto prefere uma linguagem que proporcione ao leitor a pronta apreensão dos fatos, sem que nada escape à sua compreensão.

Sua origem remonta às primeiras manifestações literárias transmitidas oralmente, porém é no século XIX que o conto vive seu apogeu, abandonando a forma simples, “vulgar” de ser apenas a propagação de histórias, a perpetuação do folclore popular e se torna elemento literário, assume estrutura e essência de gênero. Ou seja, o conto deixa de ser apenas estórias populares passadas de boca em boca e assume características de gênero literário. A esse respeito, Gotlib, ao citar a teoria de Poe, diz que:

“Segundo Poe, é produto também de um extremo domínio do autor sobre os seus materiais narrativos. O conto, como toda obra literária, é produto de um trabalho consciente, que se faz por etapas, em função desta *intenção*: a conquista do efeito único, ou impressão total. Tudo provém de minucioso cálculo.” (GOTLIB, 2006, p. 34)

O conto é resultado de planejamento, fruto de um trabalho consciente e que tem como objetivo alcançar a apreensão daquilo que o autor quisera exprimir. O propósito de prender a atenção do leitor, causar efeito seria a intenção do contista.

3 “O BISPO NEGRO”: A CORRUPÇÃO NO CLERO, A EXCOMUNHÃO E O PRECONCEITO.

O enredo tem como personagens principais o Príncipe Afonso Henriques, de Portugal; a rainha, D. Tereza, sua mãe; O Bispo de Coimbra, D. Bernardo, que é colocado no posto por influência do Príncipe e depois deposto pelo próprio monarca; a Igreja; e outro

bispo, de cor negra, chamado Çoleima, que é ordenado pelo regente como novo bispo de Coimbra, recebendo em contrapartida a incumbência de reverter a excomunhão que o papa ordenara, após D. Henriques não obedecer a sua determinação.

O narrador é observador, não presente, mas que fala do que relatam para ele ora a história, ora a tradição. O tempo é cronológico, onde os acontecimentos seguem uma linha temporal na narrativa. O ambiente onde o narrador discorre sobre o conto é em Portugal, mais precisamente em Coimbra, porém em épocas diferentes:

“Houve tempo em que a velha catedral conimbricense; hoje abandonada de seus bispos, era formosa; houve tempo em que essas pedras, ora tismadas pelos anos, eram ainda pálidas, como as margens areentas do Mondego. Então, o luar, batendo nos lanços dos seus muros, dava um reflexo de luz suavíssima, mais rica de saudade que os próprios raios daquele planeta guardador dos segredos de tantas almas, que crêem existir nele, e só nele, uma inteligência que as perceba.” (HERCULANO, 1985, p.97)

Outro elemento que Herculano faz questão de destacar é a paisagem, assumindo uma conotação que chega a ser de certa mistificação pelo autor, característica marcante da época literária a que pertence o conto:

Solene era o espetáculo que apresentava a crasta da sé de Coimbra. O Sol dava, com todo o brilho de manhã puríssima, por entre os pilares que sustinham as abóbas dos cobertos que cercavam o pátio interior. Ao longo desses cobertos caminhavam os cônegos com passos lentos, e as largas roupas ondeavam-lhes ao bafo suave do vento matutino. No topo da crasta estava o Príncipe em pé, encostado ao punho da espada, e, um pouco atrás dele, Lourenço Viegas e os dois pajens. Os cônegos iam chegando e formavam um semicírculo a pouca distância del-rei, em cuja cervilheira de malha de ferro ferviam buliçosos os raios do sol. (HERCULANO, 1985, p.100)

Os componentes da narrativa convergem para que o leitor deduza que há um elemento comandando a escrita e os componentes narrativos. A unidade de ação demarca os demais elementos do conto.

3.1 Corrupção: a igreja e a monarquia

O texto de Herculano relata a atitude tomada pelo Príncipe de Portugal, Afonso Henrique, após ser excomungado por ordem papal, por se recusar a retirar do calabouço a sua própria mãe, que lá colocara após tomar-lhe o trono. Por não obedecer ao Papa, o monarca é excomungado e ordena por conta própria um bispo de cor negra, de nome Çoleima, em

afronta às ordens da Igreja. D. Çoleima é ordenado com a incumbência de reverter a excomunhão do Príncipe Regente, penalidade religiosa esta que lhe fora imposta pelo santo padre, o Papa da época.

Após o príncipe destronar sua mãe, e a colocar em uma masmorra, o Papa envia o bispo de Coimbra a falar com D. Henrique para que o mesmo liberte a rainha de tal condição. Herculano descreve o diálogo entre eles da seguinte forma:

Guardai-vos Deus, dom Bispo! Que mui urgente negócio vos traz aqui esta noite? – disse o Príncipe a D. Bernardo.
 ‘Más novas, Senhor. Trazem-me a mim letras do Papa, que ora recebi.’
 ‘E que quer de vós o Papa?’
 ‘Que de vossa parte vos ordene solteis vossa mãe...
 - Nem pelo papa, nem por ninguém o farei.
 E manda-me que vos declare excomungado, se não quiserdes cumprir seu mandado. (HERCULANO, 1985, p.98)

Podemos observar o poder exercido pela Igreja da época, que governava em comunhão com os monarcas o campo político-administrativo. O poder é tal que o Sumo Pontífice ordena a libertação da rainha por aquele que ocupava no momento o mais alto posto da realeza lusitana.

Em toda e qualquer relação entre instituições ou entre indivíduos baseada em favorecimentos a corrupção se alastra. E a relação da Igreja com a Monarquia não era exceção. O poder da Igreja se apresenta corrompido pela comercialização das Indulgências, valendo-se da fé das pessoas na Igreja e da certeza de que o papa como enviado de Deus pode absolver ou excomungar a quem lhe aprouver. Ainda que estivesse em constante embate pela imposição de poder com a Monarquia, que se impunha pelo dinheiro e pelas tramas político-administrativas, ou seja, domínio portugueses versus igreja.

Herculano remete o leitor a esta verdade quando mostra a forma como se dera a ordenação de D. Bernardo para bispo. Inclusive retrata em sua produção literária a corrupção até na ordenação de religiosos:

‘E vós que intentais fazer?’
 ‘Obedecer ao sucessor de S. Pedro.’
 ‘Quê? D. Bernardo amaldiçoaria aquele a quem deve o bago pontifical; aquele que o alevantou do nada? Vós, Bispo de Coimbra, excomungaríeis o vosso Príncipe, porque ele não quer pôr a risco a liberdade desta terra remida

das opressões do senhor de Trava e do jugo do rei de Leão; desta terra que é só minha e dos cavaleiros portugueses? (HERCULANO, 1985, pp.98/99)

Em tempos posteriores, o escritor entra em querela com o clero de sua época, mas não deixa de relatar o jogo político e a corrupção que se alastrara na Igreja. Os embates travados por Alexandre Herculano com os sacerdotes da época se dá principalmente por ser o mesmo, o primeiro a expor a figura religiosa do padre como elemento sujeito a questionamentos. Vale salientar, no entanto, que o autor também retrata em suas composições a beleza dos princípios cristãos, abordando tanto o negativo quanto o positivo da figura eclesiástica.

‘Tudo vos devo, Senhor, – atalhou o Bispo – salvo a minha alma, que pertence a Deus, a minha fé, que devo a Cristo, e a minha obediência, que guardarei ao Papa.’

‘D. Bernardo! D. Bernardo! – disse o Príncipe, sufocado de cólera – lembrai-vos de que afronta que se me fizesse nunca ficou sem paga!’

‘Quereis, senhor Infante, soltar vossa mãe?’

‘Não! Mil vezes não!’

‘Guardai-vos!’

E o Bispo saiu, sem dizer palavra.” (HERCULANO, 1985, p.99)

Alexandre Herculano, entre algumas das características dos seus textos, nunca perdeu nas suas produções o caráter intelectual, não dado a fanatismos, por assim dizer. Quando nos propomos a ler “O Bispo negro”, percebemos claramente este traço ao verificarmos que ele narra de forma totalmente isenta os fatos, sem se deixar envolver pela religiosidade. Perceba que ele descreve como poucos a narrativa, de forma que chegamos a sentir a sua crítica em relação à subserviência das maiores autoridades nos mais diversos países à Igreja:

É o que afirma, Senhor, o mensageiro – Dizia Gonçalo de Souza – que me enviou o abade do mosteiro de Tibães, onde o Cardeal dormiu uma noite pra não entrar em Braga. Dizem que o Papa o envia a vós, porque vos supõe herege. Em todas as partes por onde o legado passou, em França, e em Espanha, vinham a lhe beijar a mão reis, príncipes e senhores: a eleição de D. Çoleima não pode, por certo, ir avante...

Irá, irá – respondeu o Príncipe em voz tão alta que as palavras reboaram pelas abóbadas do vasto aposento. – Que o legado tenha tento em si! Não sei eu se haveria aí Cardeal ou Apostólico, que me estendesse a mão para eu lha beijar, que pelo cotovelo lha não cortasse fora a minha boa espada. Que me importa a mim vilezas dos outros reis e senhores? Vilezas, não as farei eu! (HERCULANO, 1985, p.102)

Que fique claro, no entanto, que não é por seu direcionamento intelectual que o autor estaria entre aqueles que se davam à incredulidade. Se obras como *A Semana Santa* e *A Cruz Mutilada* fazem apologia ao Cristianismo, em *O mosteiro no Deserto* transmite seu apoio à legislação antimonástica.

Apesar de ser o Romantismo conhecido como o estilo literário do exagero das emoções e sentimentalismo exacerbado, o amor não é abordado na produção literária de Herculano seguindo esta linha de ação, ou seja, o extravagante. O conto, na verdade, apesar de produzido por um escritor romântico e de estar enquadrado no estilo literário vigente, se destaca pelo seu teor histórico, voltado ao campo político e não ao sentimental.

3.2 A excomunhão

Entre os pontos polêmicos que Herculano aborda em seu texto, a excomunhão tem destaque. Excomungar alguém, como o próprio conceito é autoexplicativo, é retirar o mesmo da comunhão, tornando alvo de censura e privando das bênçãos e graças administradas pela Igreja, como por exemplo, os sacramentos.

Em seu Código de Direito Canônico, a Igreja estabelece que:

Cân. 1331 - §1. Ao excomungado proíbe-se:

- 1.º ter qualquer participação ministerial na celebração do sacrifício da Eucaristia ou em quaisquer outras cerimônias de culto;
- 2.º celebrar sacramentos ou sacramentais e receber os sacramentos;
- 3.º Exercer quaisquer ofícios, ministérios ou encargos eclesiais ou praticar atos de regime;

§ 2. Se a excomunhão tiver sido imposta ou declarada, o réu:

- 1.º se pretende agir contra a prescrição do § 1, n. 1, deve ser afastado, ou então deve ser suspensa a ação litúrgica, a não ser que grave causa o impeça;
- 2.º pratica invalidamente os atos de regime que de acordo com o § 1, n. 3, são ilícitos;
- 3.º fica proibido de gozar dos privilégios anteriormente concedidos;
- 4.º não pode conseguir validamente dignidade, ofício ou qualquer outro encargo na Igreja;
- 5.º não percebe os frutos de dignidade, ofício, encargo ou pensão que tenha na Igreja. (JOÃO PAULO II, 1983, p. 581)

O poder exercido pela igreja e a opressão causada por tal prática são devastadores. Vejamos esta constatação no diálogo entre D. Fernando, Bispo de Coimbra, e D. Henriques, Príncipe Regente de Portugal:

- Guardai-vos Deus, dom bispo! Que mui negócio vos traz aqui esta noute?
- Disse o príncipe a D. Bernardo.
- Más novas , senhor. Trazem-me aqui a mim letras do papa, que ora recebi.
- E que quer de vós o papa?
- Que de vossa parte vos ordene solteis vossa mãe.
- Nem pelo papa, nem por ninguém o farei.
- E manda-me que vos declare excomungado, se não quiserdes cumprir seu mandado.
- E vós que intentais fazer?
- Obedecer ao sucessor de São Pedro. (HERCULANO, 1985, p.98)

A excomunhão de um cristão católico como forma de chantageá-lo a fazer o que a instituição religiosa quer é um ato cruel; a Igreja abre mão do seu papel de hospital da alma para os necessitados de salvação e passa a se valer do medo, do pavor dos cristãos para impor sobre estes a sua vontade. A este respeito veja o que diz César:

“...o uso indiscriminado da excomunhão é uma das armas do papado para dominar e preservar a Igreja. Em vez de se valer da palavra de Deus, da oração e da sã doutrina, o alto clero quer defendê-la com o poder terreno, com fogueiras, assassínios e perseguições” (CÉSAR, 2006, p.175)

A respeito dos seguidores da fé católica, e da sua reação à excomunhão, César descreve as palavras de Lutero, numa entrevista, onde perguntado se o povo tem medo da excomunhão, o mesmo responde:

“Não somente o povo simples, como também o clero e os governos seculares. A excomunhão tem poder de fechar a boca de muitos sacerdotes, bispos, sábios, e imperadores. Lembro-me de Frederico II, rei da Sicília e da Alemanha e, depois, imperador romano e rei de Jerusalém, que, no século 13, por ter entrado em conflito com os pontífices romanos, foi por eles diversas vezes excomungado. Há muito tempo, as pessoas mais influentes são divididas não entre homens bons e maus, mas entre papistas e anti-papistas.” (CÉSAR, 2006, p. 176).

Ainda sobre a reação social à excomunhão, se Lutero fala do poder desta, Herculano descreve o estado de espírito do povo em Coimbra, com a aplicação da mesma à cidade:

O galo tinha cantado três vezes: pelo arrebol da manhã, o Cardeal partia aforradamente de Coimbra, cujos habitantes dormiam ainda repousadamente. O Príncipe foi um dos que despertaram mais cedo. Os sinos harmoniosos da sé costumavam acordá-lo tocando as ave-marias: mas naquele dia ficaram mudos; e, quando ele se ergueu, havia mais de uma hora que o sol subia para o alto dos céus da banda do oriente.
Misericórdia! Misericórdia! – gritavam devotamente homens e mulheres à porta do alcácer, com alarido infernal. O Príncipe ouviu aquele ruído.
Que vozes são estas que soam? – perguntou ele a um pajem.
O pajem respondeu-lhe chorando:

Senhor, o Cardeal excomungou esta noite a cidade e partiu: as igrejas estão fechadas; os sinos já não há quem os toque; os clérigos fecham-se em suas pousadas. A maldição do Santo Padre de Roma caiu sobre nossas cabeças. (HERCULANO, 1985, pp.103/104)

Podemos observar que ao cumprir a ordem do papa, excomungando D. Henrique e a cidade de Coimbra, o Cardeal teve tanto medo da reação do príncipe que saiu da cidade muito cedo, logo após o galo cantar três vezes. O cardeal quis se libertar de uma vingança terrível do monarca.

Neste pequeno excerto de Alexandre Herculano, encontramos uma intertextualidade com a Bíblia, quando informa nas palavras de Jesus Cristo que Pedro, o apóstolo amado, O negaria “antes que o galo cantasse três vezes”, em se tratando da véspera da crucificação de Jesus.

3.3 O preconceito

Herculano, com muita maestria, mostra em sua obra os desvios morais da Igreja, muito embora não haja sequer tipificação penal para o preconceito racial na época. Por ser um gesto que não deveria se fazer presente no caráter de quem quer que seja, muito menos daqueles que se propunham representantes de Cristo na Terra, o escritor busca retratar tal atitude quando passa a descrever a sucessão de acontecimentos que levam a D. Henrique ordenar D. Çoleima.

Poderíamos questionar, então: mas neste caso, não seria Herculano o preconceituoso? Não. O escritor exprime em sua produção o sentimento que está presente na conduta da Igreja da época, um pároco de cor negra nunca chegaria a tal cargo. Notemos que nas entrelinhas, o que Herculano mostra ao leitor é justamente que o príncipe usa tal artimanha por perceber que se já seria uma afronta ele mesmo ordenar um bispo sem as bênçãos papais; esta seria dobrada em se tratando de um clérigo negro.

Çoleima está no mesmo patamar dos demais, exceto pela cor da sua pele, este é o motivo pelo qual o Príncipe o escolhera.

“Entre os que ali se achavam, um negro, vestido de hábitos clericais, tinha estado encostado a um dos pilares, observando aquela cena: os seus cabelos revoltos contrastavam pela alvura com a pretidão da tez.(...) Os cônegos começaram a retirar-se, e o negro ia após eles. Afonso Henriques fez-lhe um sinal com a mão. O negro voltou para trás.” (HERCULANO, 1985, p.101)

O próprio título do conto de Herculano nos leva a esta conclusão, visto que, quando passamos a analisar o nome do conto, estes questionamentos vêm à tona: porque “O Bispo negro”? O que quisera Herculano transmitir ao leitor quando deu tal título ao seu texto? Fora o fato de ser negro, que outro elemento tornaria D. Çoleima inapto para o episcopado?

Prova de que exceto pelos quesitos que o monarca usara para afrontar a Igreja, não havia outros impedimentos maiores à ordenação de D. Çoleima. Ao final da narrativa a Santa Sé reconhece sua consagração:

“Dai a quatro meses, D. Çoleima dizia missa pontifical na capela-mor da sé de Coimbra, e os sinos da cidade repicavam alegremente. Tinham chegado letras de benção de Roma.” (HERCULANO, 1985, p.106)

D. Henrique impusera sua vontade à Igreja e D. Çoleima, o clérigo negro, agora era O Bispo Negro de Coimbra.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a partir das informações adquiridas que serviram como base para a construção do texto, foi possível observar e enumerar algumas características do conto “O bispo Negro” que fundamentam a sua inclusão no Romantismo Português.

O estudo mostrou que a Igreja Católica Apostólica Romana possuía um grande poder sobre os fiéis e sobre as instituições. Bem como que este poder infelizmente sempre foi construído na base do medo, da opressão e de ameaças.

A discriminação racial é uma realidade e não deixa de se fazer presente na Igreja da época, mas também em outros segmentos religiosos e sociais. As personagens são objeto da análise, representando este conflito clero/monarquia e os reflexos na sociedade.

Verificamos que não existem características no conto que muitos outros escritores do romantismo fariam uso, como o sentimentalismo. Pelo contrário, Herculano faz uso do conto para expor a realidade política e religiosa de sua pátria.

Conforme observamos, sempre que organizações tenham seus propósitos e métodos questionados, sejam estas de cunho social, religioso ou afins, a reação sempre será o ataque. Mas assim como o Romantismo é ruptura com os velhos paradigmas classicistas; o questionamento e o enfrentamento aos erros por estas praticados sempre representará a ruptura com velhos métodos.

REFERÊNCIAS

- CÉSAR, Elben M. Lens. **Conversas com Lutero: história e pensamento.** – Viçosa: Ultimato, 2006.
- GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do Conto.** – 11 ed. – São Paulo: Ática, 2006.
- HERCULANO, Alexandre. **Contos.** – São Paulo: Cultrix, 1985.
- PAULO II, João. **Código de Direito Canônico.** – São Paulo: Edições Loyola, 1983.
- MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa.** – São Paulo: Cultrix, 2008.
- MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: Prosa 1.** – 20 ed. – São Paulo: Cultrix, 2008.
- SARAIVA, Antônio José.; LOPES, Oscar. **História da Literatura Portuguesa.** – 17ª ed. – Porto Editora, 2005.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura.** – 8ª ed. – Coimbra: Almedina, 2009.